

# repor...di.

Director:  
**REYNALDO FERREIRA**  
(Reporter X)



**FILM DA SEMANA:** [1] 'O príncipe' de Gales faz rir às gargalhadas o irmão [à E.] e o oficial dinamarquez às ordens [à D.] em Copenhague. — [2] Harold Lloyd, — desembarca na Europa com esposa, três filhos e irmão. — [3] Osmortos de Verdum saem das covas. — da nova peça do 'Th. d'Action International' de Paris. — [4] O simbolo dos generais franceses, na mesma peça (actor J. Scoll). — [5] Hertha Thiele, CINE VEDETTE — [6] 'Kromprinz' em Berlim, à estreia dum film dos «nazis». — [7] Paul Feinhals, brilhante jornalista alemão — assassinado misteriosamente. — [8] Cinco «pistoneros» de Chicago — [9] Disturbios em Belfort... A policia ataca os rebeldes com csrros blindados. — [10] Chevalier, quando era um simples «galuch».

## ESPECTACULOS

DE LISBOA

## TEATROS

- Teatro Nacional**—Reaparição dos grandes artistas—Palmira Bastos etc., no célebre drama—*Frei Luiz de Souza* a seguir—*D. Formiga*.
- Politeama**—A grande revista que tem alcançado o maior dos êxitos—*Aréias de Portugal*.
- Avenida**—A esplendida comédia—*O Escorpião*.
- Variedade**—Em continuo êxito *Desculpa ó Caetano*.
- Maria Victoria**—Estreia nos primeiros dias de Novembro com a opereta bairrista *Fonte Santa*.
- Coliseu**—Explendida Companhia de Circo com um esplendido quadro de números novos.
- Capitôlio**—Cinema e Variedades.

## CINEMAS

- S. Luiz**—Amanhã estreia da Super-produção *O Médico e o Monstro*.
- Tivoli**—*Um rapaz encantador*—com Henry Garat e Meg Lemounier.
- Condes**—*O Rei do Beijo*—Criação de George Milton.
- Central**—Um grande film de espionagem *Sob uma falsa bandeira*.
- Odeon**—A interessante comedia falada em francês—*Depois da meia noite, estarei só*.
- Olimpia**—Estreia da Paramount. *A filha do Dragão*, continuação do *Dr. Fu Manchu*.
- Cine-Ginasio**—*Pat e Patachon* musicos ambulantes.
- Chiado Terrasse**—*A Condessa de Monte Cristo*. Com Brigitte Helm.
- Palacio**—*Audacia que Assombra*.
- Paris**—*A Severa*.
- LYS**—*Gloria*. Com Brigitte Helm.

## DO PORTO

- Teatro Sá da Bandeira**—A grande opereta de todos os tempos—*Viuva Alegre*.
- S. João Cine**—*Ani-Kiki*—Falada em Francês com a impagável Anny Ondra.
- Agua d'Ouro**—*Cnorigorila*—A mais completa película como documentario sobre Africa.
- Salão Olimpia**—*Um homem de casaca* alegre comédia falada e cantada em francês.
- Salão Trindade**—*Era uma vez uma valsa* um grande film-opereta musica de Franz Lehar.
- Salão Batalha**—John Barrimore e Joan Bennet em a *Fera do Mar*.

## DIRT—TRACK

O KOLOSSAL CONCURSO DA ÉPOCA

## BREVEMENTE

A Mais Completa Organização de Leitaria do País

LEITARIA  
DA QUINTA  
DO PAÇO

FABRICA DE HIGIENISAÇÃO DE LEITE:  
EIRIS—PAÇOS DE FERREIRA  
DEPOSITO E ESCRITÓRIO:  
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 49  
PORTO—TELEFONE N.º 430<sup>3</sup>

Fornecedora da Santa Casa  
da Misericórdia do Porto  
E outros Hospitais

FABRICAÇÃO DE QUEIJOS

MACHADO &amp; BRANDÃO

REPRESENTANTES

Das afamadas marcas

Mercedes-Minerva  
Rosengart

A CASA MELHOR SORTIDA  
EM ACESSÓRIOS

Impermeáveis, capas de borra-  
cha e agasalho

Rua de Sá da Bandeira, 193

PORTO

QUEREIS DINHEIRO?

JOGA NO

GAMA

Rua do Amparo, 51

LISBOA

Preços correntes

Pelo correio mais \$80 para  
registo.

Atende todos os pedidos da  
Provincia.

Sempre sortes grandes

VINHOS AMADEU

Dos melhores

Vinhos do Porto

Este numero foi  
visado pela  
Comissão de Censura



## AINDA OS ESPIÕES

## As façanhas de "Mlle Doutor,"

Que durante os anos de guerra consegue escapar centenas de vezes à polícia aliada e que se encontra agora louca na Suíssa

(Continuação do numero anterior)

**P**OR um lamentável erro de paginação, esta reportagem, começada no número anterior, anunciava a continuação para a pag. 14 onde não... apareceu e o que devia ter surpreendido os leitores. Focavamos nós esta fauna dos que da espionagem viveram à larga — e não pagaram com a vida — durante a guerra e que a paz desempregou e poz à margem do Mundo. Perguntando: o que fazem, como e onde vivem os antigos espíões — evocavamos a prisão de um titular austriaco num club lisboeta, e que depois confessou ser um «casul» (nome dos aventureiros que, na paz, usam das suas habilidades d'antigos espíões na prática de Negócios... inconfessáveis) e iniciavamos a reconstituição de um episódio a que assistimos, em Barcelona (o grande mercado de espíões ahados e alemães, de 1914-1918). Num cabaret das Ramblas viamos sempre, isolado e macambuzio, um jovem estranho. Alguem nos revela a sua historia. No início da guerra um servio suspeito consegue suggestion-lo com propostas tremendas. Na apparencia ele apenas seria caixeiro viajante de uma fabrica catalã: mas...

**C**OMO tal elle fazia repetidas viagens a França — sobretudo a Paris. Durante essas viagens, a sua verdadeira missão seria obter informações que elle — o servio — lhe indicasse. Que procedendo com cautela e habilidade nenhum risco correria e que os lucros seriam para tentar o mais timido e escrupuloso dos homens! Hesitou — mas por leviandade, por falta de consciência ou por ganancia nos lucros fabulosos prometidos — acabou por aceitar. Durante os quatro anos fez dezenas e dezenas de raids a Paris.

«Uma bela manhã, a poucas semanas do armistício, chega esta noticia a Barcelona: Fulano, que durante quatro anos gozara uma impunidade milagrosa, acabava de ser apanhado em flagrante espionagem e condenado á morte, pelo tribunal de guerra... O seu fuzilamento estava por poucos dias. Lerroux, o republicano espanhol, ia partir para Paris e suplicar o endulto do seu compatriota... Mas chegaria a tempo? A justiça, se fôsse prevenida, apressaria a execução... Felizmente Lerroux chegou a tempo — mas já o pobre moço (pobre por inconsciente!) estava para partir para Vincennes... para o fuzilarem... « Voltou, breve, a Barcelona — mas o espetro da morte deixou-o para sempre como que atontado, aturdido...

As proezas de M.lle Doutor

De todas as heroínas da espiona-

gem, a mais famosa, foi, sem dúvida, a patriota alemã Anne-Marie-Lesser, conhecida pelo apôdo de «Mlle-Doutor.»

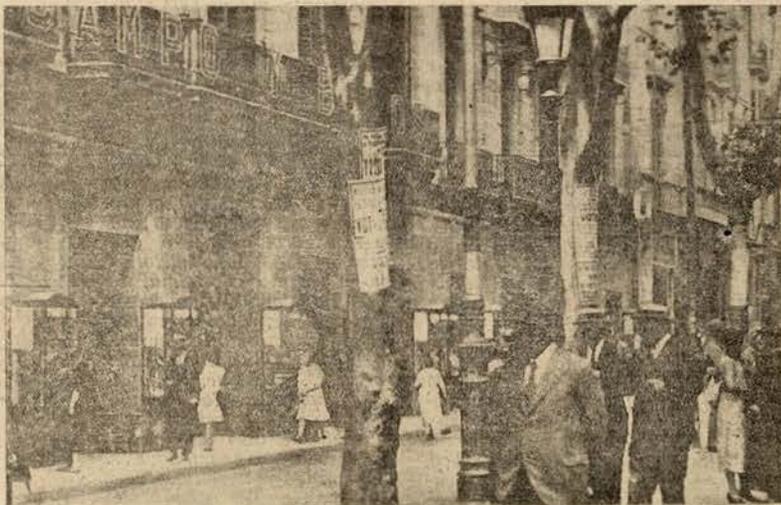
Em 1915 está Anne-Marie-Lesser em Paris — vivendo com uma modesta dactilografista parisiense. Arranja logo um enamorado — um official adido á Direcção dos Serviços de Espionagem da França. Ela *organizou* a sua nova personalidade com tal minúcia que pode provar que viveu sempre em Paris e que o pai morreu, em defesa da França, logo ás primeiras batalhas. Estas provas, e a

sedução, de que é mestra, bastam para inspirar uma confiança cega ao noivo. De Berlim indicam-lhe um ajudante, para trabalhar sob a sua chefia. É um grêgo, official desertor, de nome Constantino Condoyanis, que vive há muitos anos em Paris, negociando em fruta, e que desde 1914 faz espionagem por conta da Alemanha...

«Mlle Doutor ia tódas as tardes esperar o seu noivo á saída da Repartição Secreta. Uma tarde o official faz-lhe uma confidencia: os chefes andam alvoroçados porque receberam a denuncia de que a mais perigosa das espías inimigas — a cel bre Anne-Marie-Lesser se encontra em Paris, não sabendo aonde! — «Mas vocês não têm um retrato dessa mulher?» pergunta ella, com uma calma admiravel. — Que não; que era esta uma das suas maiores delicias; que já andavam várias brigadas de agentes a farejar pela cidade... Na tarde seguinte, o noivo appareceu-lhe mais alegre: «Vizitou-nos hoje um grêgo, um tal Constantino, que nos pede 100.000 francos para os entregar a «Mlle Doutor». Diz elle que a viu, uma vez, em Berlim; e que a reconheceu, há dias, em Paris e que a seguiu. Volta amanhã á tarde para receber o prêmio — e á noite deve guiar-nos até ao côvil dessa linda fera.»

«Mlle Doutor» estava blindada por uma serenidade que ninguem podia alterar. Riu-se e acarinhou o noivo, com uma alegria e uma ternura mais intensas ainda do que de costume. Logo que se separou dele, telefonou para o grêgo traidor, marcando-lhe uma entrevista urgente, ás 8 horas da noite, num café distante. A's 7 e meia tomou um fiacre e como conhecia o caminho que o grêgo devia seguir — cruzou-se com elle

(Conclue na página 10)



«As ramblas barcelonezas, que foram, durante a guerra, mercado de espionagem...»

«She», «Atlantid», «Trade Horner»

# AS RAINHAS BRANCAS

## DO

# CONTINENTE NEGRO

tiveram como modelo, uma «Rainha» branca e cruel, do interior de Moçambique



Os ingleses vinham prevenidos com granadas de mão...

**U**M africano que, há dez anos, vive no interior de Moçambique uma existência inquieta, aventureira, juliovernesca, — e que actualmente se encontra entre rós, disse-nos:

«—A Atrica é uma fonte inexgotável de surpresas e de imprevistos! O inverosímil — é uma palavra óca de sentido, naquele continente. Podemos percorrê-lo em todas as direcções, uma existência inteira, que todos os dias teremos uma sensação inesperada, uma emoção inédita. Por isso, nunca me rio das mais audaciosas fantasias literárias — quando teem por palco o sócio africano...

«Rainhas Brancas?» Tenho ouvido tanta coisa a esse respeito... Mas um episódio lhe repetirei, porque tenho a consciência da sua autenticidade e exactidão. Data de há muitos anos — ainda eu não tinha tomado a resolução de nascer; nem eu, nem meu pai — calcule você! Mas conheci, cá e lá, contemporâneos das principais figuras deste drama. Entre 1860 e 1870, não posso precisar, vivia em Lisboa uma gentil burguezinha, descendente de uma família italiana de músicos, sobrinha do célebre autor do «Crédo d'Arruda» — o maestro «Cedovem»... Essa mocinha, morena e de lindos olhos negros (conheci-a aos oitenta anos e conservava ainda scentelhas no olhar) recém-saíra da puberdade — tinha quinze anos, se tivesse. Um jovem visinho, filho dum médico suíço que fóra, anos antes, contratado pelo nosso governo para várias missões científicas às colónias e que também cursava medicina, enamora-se e faz-se amar pela burguezinha. O rapaz, tinha fama de estroina e aureolava-o certo mistério; extranhavam (bisbilhotice nacional e então naquela época, que nunca falasse da mãe; extranhavam, que sendo o pai suíço, e vivendo sempre na Suíça — quando não viajava pela África — deixasse o filho sosinho em Lisboa, a estudar; extranhavam que recebesse duas meçadas — uma razoável, vinda da Suíça, outra, principesca, vinda da África — sem que ele revelasse a procedência. A má reputação dele agravada pela pouca idade da filha — fez com que os pais dela proibissem o namoro. Mas, tendo havido uma dupla tentativa de suicídio — os pobres velhos assustaram-se, cederam; e os dois casaram. O jovem marido, abandonando os estudos, confidenciou à linda esposa que a mãe vivia no interior de Moçambique; a oito dias de Muchila de Lourenço Marques e que o chamara para o ver — visto que o pai, casado segundo não sei que ritual, trouxera-o com dois anos para a Europa, e que desde então, ele não tornára a vêr a mãe. Esta deixara-o bebé quasi de peito — queria vel-o já barbado. E lá partiram os dois recém-casados.

### A Rainha cruel

«Alguem que conversou muito com essa

gentil mocinha, nos últimos anos da sua longa e tormentosa vida, ouviu-a dizer, várias vezes que, ao desembarcar em Lourenço Marques, encontraram uma aldeia miserável com duas únicas ruas em cruz! Calcule o que é o tempo! No-ve, dez, dias depois, estirados em mochilas entraram nas propriedades da mãe — e sogra. — Essas eram vastas como um principado; e a sua povoação de escravos, tão densa, que dir-se-ia uma tribo completa, acampada dentro da roça. A residência da proprietária era um contraste fantástico com a sua situação geográfica; e o exotismo de seu gosto e o luxo mais oriental do que ocidental do seu recheio — impressionavam como decors de um sonho de opio. Qual não foi a surpresa da ingenua burguezinha ao conhecer a sogra e vendo que era uma mulher, nova ainda — (não tinha quarenta anos) magestosa como uma rainha, duma brançura alvíssima, trajando com rica eccentricidade e falando, gesticulando como se giasse, ao sabor da sua vontade, todo um imperio. Nem sequer beijou ou estendeu a mão à nora; e levando o filho, que recebera com louco entusiasmo, deixou-a abandonada aos escravos. E abandonada esteve, durante uma semana, em que,



... e conseguiram dominar o inexplicavel assalto

**P**ELA décima ou vigéssima vez as imaginações romanticas flo-  
reiam, numa polémica universal — mas inofensiva, sobre  
este velho tema: Existiram ou existem, por ventura, «Rainhas  
Brancas» nas regiões menos sondadas do Continente Negro.  
Mulheres Esfugicas, pelo inigma da sua procedencia, Mulheres-  
Deusas pela sua beleza extra-humana —, Mulheres-Monstros, pela  
sua crueldade requintada, voluptuosa ou hysterica? Foi o film e o  
romance «Trader Horner» que provocaram a réprise desta ardente  
curiosidade dos cinéfilos e dos «aficionados» á literatura. Contudo,  
a «Mulher-Branca» do «Trader Horner» não era, positivamente,  
filha do Olimpo — visto que sua aparição entre as tribus que ela do-  
mina, com tirania, e que a idolatram, é explicado sem dogmas so-  
brenaturais. Mas antes aela — quantas outras Rainhas Brancas  
resplandeceram no romance e no film? Entre todas destacam-se a  
heroína de «She» de Ridder Haggard (o auctor das «Minas de Sa-  
lomoão» e da «Benita» e a da «Atlantide» de Pierre Benoit. Foram  
estas os modelos macaquizados por todas as outras. Mas, a darmos  
crédito aos criticos, Benoit apenas plagiou, a papel quimico «She»  
o que reduz a um só os dois modelos. E sendo assim a «Rainha  
Branca» da «She» é uma fantasia de romancista ou a moldagem  
de uma figura real?

atravez das primeiras lágrimas, começou a conhecer a extranha e cruel vida que a cercava. A sogra organizara um perfeito estado de que era senhora absoluta; tinha os seus carascos — não só para torturarem com requintes de malvadez, os que merecessem esse castigo, como para executar os que caíssem no seu desagrado soberano.

«A vida dessa infeliz a partir d'então, tornou-se num verdadeiro calvário. Descobriria horrorizada, logo ao principio, que a sogra, que não via o filho desde menino de colo, e que o encontrara já homem, sofrera a monstruosa amnesia da sua própria maternidade; e para que o filho o esquecesse também, trazia-o continuamente embriagado. De dia, dormiam; de noite, heroicavam orgias a resvalar pelo sadismo mais agourento. Obrigavam escravos e escravas seleccionadas a assistir aos festins em que elles, mãe e filho, ao atingirem uma embriaguês alucinada, praticavam tais crueldades que nem os génios inquisitoriais pensariam.

«A sogra odiava a nora! Pouco a pouco foi fazendo dela uma escrava como todos os seres que estavam sob o seu dominio, acabando por lhe cortar as negras tranças — rapando-lhe os cabelos, arrancando-lhe os fapos europeus e deixando-a andar de panos e descalça, como as pretas — suas irmãs de martirio. Ao meio da noite sentia abrir a porta do seu quarto; eram elles que a iam torturar.

Três anos durou esse calvário. Um acaso e uma... esperteza de mulher a salvaram. O governador talvez alarmado pelos boatos que

(Continua na pag. 10)



A surpresa dos traidores era superior ao terror da sua situação.

**D**URANTE muitos anos os alemães intrigavam-se ante certo coval dum cemitério de Berlim que apresentava como única indicação um número: 446! De quem seria aquele cadaver anónimo e misterioso? Só ao cabo de 14 anos se decifrou o enigma: tratava-se de Azef. Azef viveu sempre da traição. Muito novo ainda ofereceu-se à policia secreta do Czar, como espia — e os seus chefes consideravam-no um elemento indispensavel. Entretanto, infiltrando-se nas filas nihilistas, conquistando tal saliência, que era respeitado por todos como um idolo. Mas, ao mesmo tempo que traia os revolucionários, denunciando à policia os seus projectos — traia à policia, revelando aos «camaradas» do partido os planos de assalto ou de offensiva dos chefes policiaes. E nunca, nem dum lado nem do outro — tiveram a minima suspeita sobre as suas trações...

**Chefe revolucionário**

Embora Asef não fosse, positivamente, um intellectual, dispunha talento e a cultura necessarias e especiais que caracterizam um agitador de multidões. E só assim se explica que ele não só conseguira ludibriar, mas sobretudo impor-se e entronizar-se como chefe absoluto, indiscutivel, respeitado, idolatrado quasi do terrorismo russo — onde militavam altos valores como Gotz, Savinof, Chernov, etc. Se do nihilismo russo saíram genios imortais; se inflamava sobretudo pelo lado intellectual a mocidade universitaria — até ao extremo de os levar ao sacrificio da propria vida — como podia Asef domina-los, como idolo e como chefe, se fosse um mediocre? E se Azef, durante anos conseguiu realizar tantas edientas proezas sem nunca ser desmascarado nem pela policia nem pelo revolucionarismo — ambos desconfiados e duramente experimentados pelas mais subteis trações — não seria porque a sua intelligencia, embora nefasta e satânica, passara do nível vulgar?

No começo do século existiam, na Russia, trez partidos clandestinos que proclamavam a doutrina socialista: o Social-Democratico (bolcheviques e menscheviques); Social-Laborista e a Social-Revolucionária. Este ultimo tinha, como base do seu programa, o atentado pessoal contra todas as forças politicas do Império. Pois bem: um dos fundadores deste partido foi o proprio Asef. Fez-se primeiro o braço direito de Guerschuni (um terrorista notavel, morto em 1907) para logo se nomear a si próprio chefe respeitado e alma do movimento terrorista. Fundou uma secção espe-

“O extranho caso do morto 446,,

N.º 2: Azef, financeiro...

Como o “Rei dos traidores,, amealhou a sua enorme fortuna. — Os seus roubos ao partido revolucionário e as suas exigencias à policia russa.

cial «Boyevoya Organizatzia» mais conhecida pelas iniciais — «B. O.» — (Organização de Combate) destinada à execução de numerosos atentados — que o proprio Asef devia planear. E foi então que Asef levou a sua audácia ao extremo de, sendo a «B. O.» obra sua e os seus atentados, escrever aos chefes da Policia nos seguintes termos: «Vi-me obrigado a infiltrar nesta terrível seita a fim de melhor conhecer os seus segredos. Já gastei 500 rublos para exibir a minha dedicação à causa — mas peço que V. Ex.ª m. os indemnisem na volta do correio, por que estou sem lundos. Graças ao meu trabalho arriscadíssimo, sou considerado um dos dirigentes da organização e estou e estarei em dia com todos os seus planos. Recuar agora, seria contrário aos Sagrados interesses do nosso Imperador; mas é preciso agir com as maiores cautelas». Desta maneira, sem despertar suspeitas entre os revolucionários, provava, uma vez mais, a sua dedicação à policia e ao Império e obtinha o lucro liquido de 500 rublos — que embolçou tranquilamente.

Pelo dedo — diz-se — se conhece o gigante. Por esta amostra se revela a grandeza da ignominia desta alma e a tempera das suas qualidades mentais.

premio do ano novo com que o governo o mimava (5 e 6000 rublos) nem das chantages que fazia todo o ano — muitas vezes contra os seus proprios chefes. Do lado dos revolucionarios, a subvenção fixa e legal era pequena — 150 rublos apenas; mas como ele, chefe da «B. O.» tinha a caixa do partido às suas ordens, e esta nunca estava vazia — que se visse o que eram as receitas deste traidor! Um revolucionario de fama — Argúnov — diz nas suas memorias: «O dinheiro nunca nos faltava e Azef gastava-o sem controle. Só no inverno de 1906 as despezas regulavam em 2000 rublos diarios — à parte as exigencias secretas da «B. O.» que podia pedir o que quizesse que eramos obrigados a dar-lhe.» Outro revolucionario — Savin Kof — que ajudou a demacrar Azef, já no final da carreira — escreve algures: «Se algum duvida que Azef roubava a gregos e troianos — que se recorde do seguinte: mal nasceram as pequenas suspeitas, ele partiu da Russia, em segredo, esteve dois anos viajando pela Europa e por ultimo ficou-se em Berlim, Luispold Strasse, gastando 150 mil marcos em moveis — não falando dos presentes valiosos que dava à sua amante alemã. Nessa altura à sua fortuna estava calculada em 500.000 marcos!»

Mas o mais empolgante da biografia de Asef — não são as suas habilidades financeiras — mas sim as suas proezas de traidor genial — e essas começaremos a revelar-as no proximo numero.

(Continua no próximo número)



Era um jovem operário, dos mais exaltados do partido

**O dinheiro de Judas**

A evolução constante do prestígio pessoal entre uns e outros — não impedia que Asef explorasse o melhor possivel os benificios materiais da sua duplicidade. Como agente policial, começara por ganhar 50 modestos rublos e pouco depois recebia 1000 rublos mensais, à parte gastos de viagem, gratificações, etc. — que somavam fortunas; e não falando no



ESCONDIDINHO

Sempre

O MAIS CARO

O MELHOR

O PREFERIDO

Para um bom almoço,  
jantar ou ceia

Rua Passos Manuel, 144 — PORTO

Telefone, 79



# AS REPORTAGENS DA SEMANA

O príncipe Carol, a esposa e o filho. — Um jornal indiscreto. — O calvario duma mãe. — Os amadores da Guilhotina. — Quem quer vêr matar um homem? — A revolta da Pérsia. — Matrimónios reais desavindos.

NÃO são só os casais burguezes que estão sujeitos as tempestades internas — daquelas que... se entornam, escandalosamente, para fora dos lares. Embora o vulgo tenha a utópica ilusão que os matrimónios reais não vivem como os outros, convencidos que os reis e as rainhas, nos bastidores dos seus palácios, mantêm o mesmo protocolo espetaculoso de quando se exibem ao povo — não cavaqueando nunca como marido e mulher, nem se zangando porque êle veio tarde

deixe vêr o filho, o ex-rei e actual príncipe Michel, varias vezes por ano. Carol consente e o príncipe, que conta já 13 anos, parte para Londres, acompanhado dum general, da confiança do pai. Na viagem caiu-lhe às mãos um jornal inglez que, como tôda a imprensa de Londres, atacava vivamente o procedimento de Carol com sua esposa e com a sua amante. O pequeno leu releu, refletiu — e uma vez em Londres, após, uma scena comovedora com a mãe pergunta ao general — e deante de dezenas de altas individualidades que o cercavam: «—General: explique-me que escandalo é este entre meu pai e uma amante de que falamos os jornais!»

*Tableau!* O general, afeitissimo, telegrafa ao rei; este, dois dias depois, e apesar de ter concedido seis semanas para que o príncipe estivesse com a mãe — ordena que lho tirem imediatamente e o reconduzam a Bucarest. Protestos, lágrimas, súplicas, ameaças da pobre mãe — tudo inútil! Carol mostra-se intransigente — e avisou-a, de que se ella resistisse ás suas ordens ou provocasse escandalo — nunca mais a deixaria ver o filho! O segredo desta reviravolta — dizem — foi que Carol se convenceu que o artigo em questão tinha sido inspirado e feito publicar pela ex-esposa e cúmplices da ex-rainha, obedecendo-lhe, teriam feito cair a gazeta nas mãos do pequeno Michel! Se a sua attitude provocara já a mais alta indignação — desde os reis de Inglaterra até aos mais modestos jornalistas — esta explicação, ferindo os bríos da imprensa londrina, veio agravar mais a situação moral de Carol. Para cúmulo, o general que Carol mandara a Londres teve a imprudência de ir exigir ao jornalista, autor do artigo, uma retratação completa, em termos tais — que o jornalista o expulsou da redacção e intensificou a campanha contra o monarca e a favor da rainha Helena. Esta chamou o melhor advogado inglés — Mr. B. Crew — conta o *Politiken* de Copenhague — e encarregou-o de agir até onde fosse preciso para que os seus direitos maternos fôsse respeitados.

Como veem, matrimónios reais, estão tão sujeitos ás tempestades intimas como os outros...



Rei Carol da Rumania, contra quem a esposa abandonada se queixou oficialmente por não a deixar ver o filho

da pandega ou porque ella deixou entrar o bispo na sôpa, e só recolhendo aos seus aposentos com as coroas na cabeça, os septos empunhados e os pagens segurando os mantos de arminho — a verdade é que, sendo êles obras do mesmo barro com que é feita tôda a Humanidade, não podiam esquivar-se ás mesmas fraquezas, arrebatamentos e sentimentos dos outros mortais. Existem casais coroados que se dão bem e que se estimam, como existem outros que mal se toleram e que, fora dos olhares do povo, se não se agatnam e pucham, mutuamente, pelas farripas, se encolerisam e ralam como o nosso visinho de cima, quando a cara metade não lhe tem as peugas passajadas, ou como a visinha de baixo quando o esposo gasta nas ceatas o que devia ser para o mercieiro...

Um caso flagrante é este que a imprensa mundial se está referindo, com grande escandalo de tôdas as côrtes europeias e que deixa o Rei Carol da Rumania pelas ruas da amargura. Como se sabe Carol, que passou a mocidade a dar desgostos aos pais, que abdicou no filho, para depois se apossar de novo do trono, era casado com a princeza Helena, da Grecia, a mais bela e virtuosa das princezas — e que, desde sempre, teve a fraqueza de amar Carol. Mas Carol não é homem para se prender ao casamento. Sem motivo e saltando por cima de tôdas as convenções e politicas, divorcia-se violentamente da esposa e amancebando-se com uma antiga dactilografa, casada — Madame Lupesco, abandona o reino e o governo para andar quasi todo o ano em viagens de eterno noivado com a amante. A infeliz desprezada, a rainha Helena, sem coragem para regressar à Grécia e sem direito a continuar na Rumania, fixa residencia em Londres; mas exige que o x-amarido lhe

## Espectaculos macabros

EM França estoirou uma campanha violenta contra o «espectaculo público» da pena de morte ou seja da guilhotina. O grande pretexto dessa campanha é a execução de Gurguloff. Um reporter descobriu que certos inquilinos dos prédios visinhos ao local onde habitualmente se ergue a guilhotina alugam as suas janelas a preços fantásticos. Que existem correctores que, nas vésperas da *veuve* trabalhar andam a oferecer automovel e bom logar para o espectáculo, a um tanto por cabeça, pelos *cafés* dos boulevards. Que nos *cabarets* de Montmartre, certos *maitres* relacionados com os donos dos *restaurants* visinhos ao local da execução, — segredam aos clientes *detraqués* de ambos os sexos a oferta de um bom *sitio* para ver a «*veuve*» — em troca de uma boa gorgeta... Que certos *voyous*, fazem bicha desde véspera para depois venderem o seu logar aos espectadores endinheirados que chegam tarde... Que uma hora antes da execução já os autos, conduzindo estroinas, *cocottes*, damas taradas, etc., fazem bicha em redor do patibulo... Que mais de dez mil pessoas correram a presenciar a última execução e esta gente gastou mais de 100.000 francos pelo prazer de ver morrer um homem.

«E' preciso que a França acabe com este triste espectáculo público!», escreve Manuel Darnaud, no *Soir*. E' preciso que a França não se confunda com a China, com a Pérsia, com o Afganistão, — onde as execuções são o maior espectáculo do povo; e em que os corpos e as cabeças dos destroncados ficam a apodrecer a meio das ruas, numa mancha nojenta de sangue coagulado.

E conta então que há poucas semanas, em Teheran, (capital da Pérsia), o Governo, depois de ter vencido uma tentativa revolucionária, mandou decapitar vinte ou trinta chefes do motim; e que a seguir, esvasiando-lhes as cabeças e recheando-as com palha e estopa, as enfileirou numa meza, collocando-a numa praça pública. E durante dias e dias, o povo desfilou ante aquella exhibição macabra... Ora a França não é a Pérsia. De facto as execuções podem ser feitas fóra do olhar do público.



Uma foto da exhibição publica, em Teheran (Persia) dos cabeças dos revolucionarios executados (depois de esvasiadas e cheias de palha).

## NEGÓCIOS MACABROS

OS HOMENS QUE VENDEM,  
EM VIDA,  
O PRÓPRIO CADÁVER

Como foi que «Zé Pipa», de Semidães, passou de bôbo-mendigo a... rendeiro. — Datas, o homem do cérebro d'aço e Bassau, o esto-ago de ferro. — Os portugueses que comeram... do próprio cadáver.



Bassau, o homem do estomago de ferro que vendeu o seu cadáver

A AUTÓPSIA não representa apenas um ensinamento prático e indispensável aos que se destinam à medicina; nem tão pouco um delectantismo científico dos mestres... De Hipócrates até hoje, a autópsia corresponde por tal fôrma à evolução e ao progresso da medicina — que nos seculos de trevas, em que o fanatismo ignorante castigava com as labaredas do auto-fé quem «profanasse um cadáver» — a sciência médica caía em profundo marasmo ou nivelava-se ao charlatanismo dos curandeiros. E só assim se compreende que as grandes Universidades e Associações Médicas estrangeiras esbanjem verbas quantiosas na aquisição de cadáveres de indivíduos duma anormalidade inédita ou raríssima. E' que êsses sábios ao sondar o mistério daquelas entranhas — encontrarão a mecânica secreta do fenómeno o que equivale a uma nova luz para a sciência. No Museu do «R. C. C. of London» exibem-se dezenas de esqueletos de «casos extranhos» que os médicos daquele famoso colégio compraram, descarnaram e esvaziaram durante os últimos 50 anos. E' em redor d'êste macabro e extranho mercado da morte que gira a presente reportagem — reportagem empolgante e... pouco banal.

AUGUSTO Rebelo (êle não gosta que evoquemos a sua inutil formatura em direito, agregando ao nome o titulo de «doutor») vive sequestrado pela sua paradoxal misantropia, no Solar e nas propriedades que herdou, em Semidães — e passam-se anos sem que se encourage a um raiz até ao Porto. Em Lisboa, então, apenas o encontrei duas vezes: uma, em 1926 — que foi quando nasceu a nossa mutua e espontânea amizade; e outra, ha poucas semanas, quando coincidimos à hora do almoço, no «Leão d'Ouro». Juntamos as mezas, cavaqueamos, recordando a hospedagem digna de um Rajáh com que êle me regalou — uma vez que o «Janeiro» me expedira para Semidães — à cata duma reportagem sensacional.

Semidães é uma aldeia-crômio que já serviu de decôr a um romance de Camilo «Coração, Cabeça e Estomago» — se não estou em erro — e ao evocar os belos dias que lá vivi, fiz desfilar todos os indivíduos com que então me relacionara. — E' verdade! E o «Zé Pipa»? O que é feito d'êsse desgraçado e simpático monstro?

O «Zé Pipa» ou «Zé Cerdos», o «clown»; o bôbo gratuito de Semidães, tinha-me impressionado, ao chocar-me com êle, pela primeira vez. Visionem a monstruosidade de um pôrco que andasse, como qualquer bipede! O tronco seria cilindrico se não fôsse a dupla esfêra do ventre; as pernas curtíssimas, nasciam grossas, e logo formando, um ângulo como as do cerdo, acabavam magríssimas como as de uma criatça enfezada; os pés, microscópicos, e alçados; os braços, como as pernas, eram como uns tubos de borracha, flácidos, atrofiados, mal chegando com os dedos ao queixo; a cabeça, trombuda, nãriguda, com os lábios mui salientes, formando uma boca cir-

Rebelo. — Vive numá casa decente e limpa; veste com uma decencia burguesa; come o que tem no apetite; de tempos a tempos,



Datas, o «homem do cérebro d'aço» que também vendeu, por uma fortuna, o seu corpo.

fecha-se por dentro — e bebe... até matar a sede, sem dar espectáculos publicos vergonhosos; e passa os dias e as noites a ler — que foi sempre o seu sonho doirado. Comprou e compra rumas de livros. Está agora às voltas com Julio Verne... Foi uma reviravolta tão brusca — que pasmou e intrigu Semidães. E como êle não revela o segredo da sua inesperada fortuna — calcula como anda aquela gente.

«A unica pessoa a quem ele confidenciou

culare as orelhas enormes e caídas. Era um autêntico cerdo!

«—Pois... se o visses agora — não o conhecia — garantiu-me Augusto

a sua historia — foi a mim, jurando eu que não a repetiria em Semidães. Ora como estamos em Lisboa e tu és alfacinha — vou contar-te a historia do «Zé Pipa». — O menino Augusto (eu sou eternamente menino em Semidães) recorda-se duns estrangeiros que passaram por cá, ha mezes, numas camionetes? — perguntou-me ele — Pois bem. Eu estava na estrada e alguns desses forasteiros, ao verem-me, mandaram parar o carro, desceram, e por meio do «lingua» desataram a fazer-me perguntas. Depois pediram-me para os acompanhar ao Porto, prometendo-me cem mil reis! Nem hesitei. Fui. Fecharam-me num quarto do Hotel e fizeram de mim gato sapato — mas a serio, para me examinarem. Por fim reuniram-se, falaram, falaram e acabaram por me propor o seguinte: se eu queria vender o meu cadáver ao Colegio (eles eram medicos) a que pertenciam — lá em Londres. Confesso que me assustei. «Eu só vendo o meu corpo depois de morto!» — declarei. «Pois... já se vê! A gente espera o tempo que for preciso. — responderam. O senhor assina um documento afirmando que o seu cadáver só pode ser entregue ao nosso colégio; recebe já trinta libras; e a partir do próximo mês, mandamos-lhe todos os dias 1 dez libras. Nem que viva cem anos — nunca lhe faltará esta mezada.» Calcule o menino — como fiquei! Eu podia lá supor que o meu corpinho que tantas lagrimas me tem feito chorar — valia uma fortuna! Uma fortuna — eu que tantos dias passei sem uma codea de pão! Aceitei tudo!»

Para quem conhecer um pouco as intimidades desta Bolsa Macabra, onde cinco paizes; pelo menos, se disputam a gloria dos «cadáveres mais extranhos», fazendo uma concorrencia febril entre si — a Inglaterra, a Alemanha, a Austria, a Suecia e os Estados Unidos — conclue que os compradores do pobre «Zé Pipa» conseguiram uma autenticca «pechincha» — aproveitando já se vê, a ignorancia e a miseria do vendedor. Dez libras mensais — correspondem a um capital de 1200 libras. Ora, por mui pequeno que seja o interesse que aquêle futuro cadáver ofereça (e tudo indica que não é assim) um simples gigante de 2, 30

(Continua na pág. 14)

## OS SEGRÊDOS DOS «NAZIS»

# Quem subvencionou Hitler

de modo a êle esbanjar, durante muitos anos, muitos milhões de marcos mensais...?

**A**S causas da queda do «Homem-Deus». — O maquiagem oculo da Organização dos «Nazis». — Com quanto o suco Kreuger gorgateava Hitler... para as despesas «pessoais» e «miudas» do chefe dos «Nazis».

lante ou como um Sansão cego que se embriagasse...

— que fez com que Hitler se sumisse e abdicasse da sua própria obra?

### A causa principal: o ouro!

### A questão moral

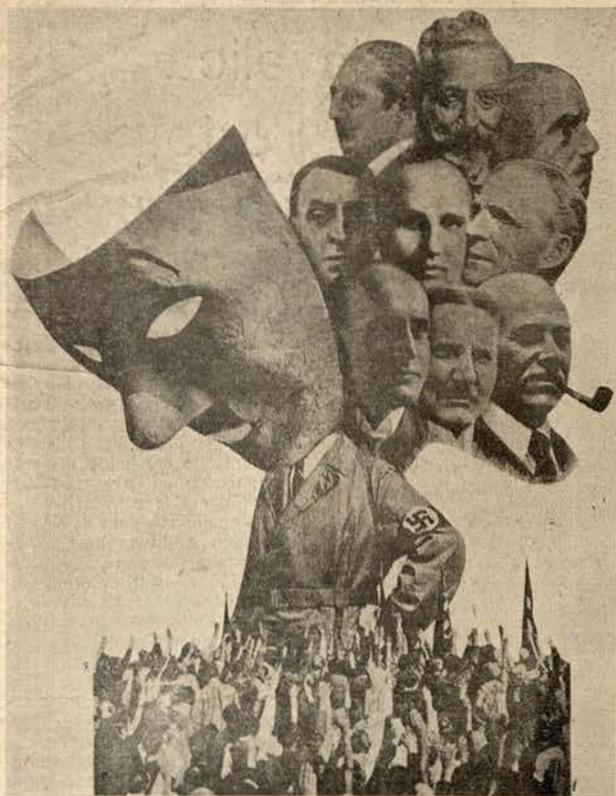
Por muito socialista que Hitler apregoa-se — a sua grande ambição plebeia, o seu quasi único objetivo pessoal, era guindar-se o paraíso de êter da aristocracia e da alta burguezia, hombrar com os maiores fidalgos do império; compartilhar da meza do kaiser, tutear os magnates da finança e da indústria. E até certa altura, êstes e aqueles, vendo em Hitler o único homem capaz de ravaroltear a Alemanha, desviá-la do oriente e conduzindo-a ao paraíso... de êles — lisongeavam-no, picando-o com a esperança de que os seus sonhos seriam realizados. Mas eis que Hitler os toma a sério; e já que os aristocratas e os burguezes o consideravam o único chefe... para manejar a arraia miuda, era preciso que êles o acatassem com a mesma disciplina e servilismo. Esta lógica amargou a todos; e um houve — o marechal von Schleicher, que, quando Hitler lhe deu a primeira ordem, chispou dos olhos faúlhas de cólera e declarou em alto e bom som que não consentiria jamais que um sargento o tratasse de igual para igual e muito menos se considerava seu chefe «Se é patriota espere uma guerra, receba ordens do seu alferes e deixe-se matar pela pátria. Mas antes disso — não se lembre nunca de entrar na messe dos oficiais que não seja para nos servir à meza!» A atitude e resposta do marechal rabiaram logo por toda a parte; e toda aquela multidão que lhe obedecia, como autómatos ou que delirava com a sua obra — convencida, por hipnose, de que Hitler era um marechal ou uma espécie de Kronprinz amador e espontâneo — desperta do seu sonho e recorda as realidades. Não havia nesta mudança más vontades, anteriores, agarrando um pretexto pelos cabelos. Não! Intuitivamente, *germanicamente*, os nazis, praticantes ou platônicos, repetiram, em voz alta, as frases do velho marechal; e exclamaram: «Mas é verdade! Êle não passa de sargento! Onde tinhamos nós a cabeça? E do dia para a noite idolatria, fanatismo, respeito, confiança, fé, todos os halos que aureolavam Hitler, — evaporaram-se como fumo de ópio. Mas foi só a perda do seu prestígio

O segredo da força de Hitler, a que uns chamavam *milagre* e outros *maqueavelismo* cifrava-se na sua organização. Formado o Quartel General do Partido — pelo método Guepau de Moscow — dividido por secções quasi ministeriais, como qualquer governo dum grande país — começou irradiando pelas cidades e vilas uma espécie de *consulados* — que, por sua vez se desdobravam em *delegações* de freguezia ou de bairro. O pessoal, de todas as categorias, que a manobra constante desta imensa e complexa maquina exigia — era de difícil calculo. Só a Central empregava milhares de nazis. Havia simples delegações com 300 e 400 burocratas; agentes de várias especialidades. Ora se 1/4 dos nazis ganhava o seu pão, fóra do partido ou vivia de rendas — 3/4 estavam assalariados... pelo próprio partido. Só o engodo dum bom emprego e melhor passado — encheu fileiras e fileiras... A maioria dos recrutats (rapazes de menor idade ou pouco mais) tinha aban-

(continua na página 15)



Os «nazis» veem-se hoje na penúria, —fazendo quetes nas ruas.



Quem está por detraz da máscara de Hitler? O Kaiser? O Rei das Lãs? Kreuger?

O acontecimento internacional de maior interesse, da actualidade, é a súbita e imprevisível exautoração ou deserção de Hitler. Como numa metamorfose de Fregoli — êsse estrangeiro (Hitler nem alemão é...) que, graças a uma audacia, por vezes maquiavelica, encarnava, havia anos, a figura dum Chefe Supremo, meio Singried — ao som das valsas de Lehar; meio imperador de opereta vienense — com música wagneriana; idolatrado até ao fanatismo por essa enorme zona da Alemanha imperialista, aristocrática, burgueza ou conservadora e tradicionalista apenas — de cujas ambições e odios se fizera Símbolo-Humano; esse antigo sargento que conseguiu arebanhar algumas centenas de milhares de jovens para a guarda pretoriana do seu partido; que montou todo um engenho complexo e de tão formidável dinamismo que escureceu a política mundial, sobrepondo-se aos governos, aos tratados e impondo-se como um príncipe herdeiro que visse o soberano em incurável demência — cai por terra, apaga-se como um miserável fôsiro ao primeiro sôpro. E o mais surpreendente — (e grave) é que não foi só Hitler, o *Homem-Deus*, que aluiu como um Papão de barro. Todos os seus logar-tenentes e discipulos; todos, em suma, que, banhados pela luz do seu clarão, rebrihavam como estrélas — tão luminosas como o chefe — e que podiam substituí-lo na pilotagem daquela, aparentemente invencível, esquadra política — no caso em que um desastre pessoal destroncasse a cabeça dos «nazis» — fundiram-se nas mesmas trevas, mal o chefe se extinguiu! E que nenhum dêles era aureolado pela própria luz. E o próprio Hitler — como vamos vêr — tão pouco era o Sol radioso que parte da Alemanha adorava. Seria, quando muito, um simples transformador. E assim se explica que o imenso e poderosíssimo dinam que era o seu partido — ande agora a amolgar-se contra as árvores e muros, como um camion sem vo-

## NO SEGREDO DUMA ESCANDALOSA TRAPAÇA

A teia internacional e maquiavelica  
à volta do nosso Vinho do Porto

## E D'OUTROS VINHOS «MADE» E NÃO «MADE IN PORTUGAL»

| (Conclusão)

meu amigo me observava com um sorriso de t. iunfo, eu perguntava a mim proprio se estava sonhando. Não! *Aquele vinho não era melhor do que o nosso Porto—pela simples razão de que... era Porto do melhor*, mas Porto autentico, insofismavel, indiscutivel! Que sul-africanos ou australianos tivessem conseguido aproximar os seus vinhos aos tipos da França e da Italia—e quasi egualal'os—não era inverosimil e nem sequer inedito! Mas o milagre de *egualar o nosso Porto* e logo numa das suas melhores categorias—isso sim, era inverosimil, porque não era possivel! E se eu estava firmemente convencido que bebera *Porto* de Portugal—como explicar aquele *rotulo*? Que misterio e que mistificação se ocultava por detraz dele? Impingir uma mixórdia adocicada por Porto—era vulgar; mas vender Porto verdadeiro—dando-lhe outra origem ou ocultando-a, quando precisamente a origem é a sua valorização comercial—é que eu não atingia.

## O palacete de Kensington

Um último episódio, antes da revelação do segredo: uma noite, nos principios de dezembro desse mesmo ano, estando ainda em Londres, fui, como era costume frequente, vagabundear sem objectivo nem plano para os bairros afastados da *city*, e de *West-End* Acompanhava-me um português, cujo nome não devo citar pela situação comercial que occupa—e que, graças ao seu esforço honesto e à sua inteligente vivacidade conseguiu, em pouco mais de dez anos, *vencer* naquela imensa e difficil cidade, onde chegara sem uma carta de apresentação e com poucos *shellings* no bolso. Palestando, sem darmos conta das distancias—encontramo-nos em Kensington—frente ao gradeamento do Hyde-Park.

Kensington é um bairro quasi aristocratico, de ruas largas como avenidas, silenciosas, bem iluminadas e marginadas de palacetes. Ao chegarmos a uma dessas ruas, o nosso compatriota estacou em frente a um prédio magestoso. Numa alta e ampla janela do primeiro andar, com balustrada de pedra, incendiava-se o clarão de uma sala exuberantemente iluminada. Cá em baixo estacionava um outo de luxo, marca para millionarios.

«—Por detraz daquela janela devem estar hoje reunidos vários individuos entre os quais um *português*—cuja fortuna tem sido feita graças a uma vasta traficancia, digna de corsários—em que o nosso vinho do Porto é a principal vítima. Quem conheceu há 20 anos o dono deste palacete e quem o vê agora, benze-se! Começou de vagar e por pouco—mas sempre trilhando a mesma infamial Hoje é um potentado, gira na sombra à volta dos cofres de várias empresas riquissimas, possui esta moradia em Kensington, belos autos e belas amantes. O que esse homem tem feito e ganho com o nosso vinho—ou antes em prejuizo do nosso Porto!»

Atravessel a rua e fui farejar uma pequena chupa metalica aparafusada à porta. Li um nome que, nessa epoca, nada me disse: *Oliver Walter*...

## O segredo do negocio

Oliver Walter, ha muitos anos já que, não figura em nenhuma empresa. O bando dos corsários do Porto (do Porto e dos vinhos caros de varios paizes) dividem-se em cinco ou seis

empresas, algumas com mascara ingleza, outras não—mas nenhuma ingleza de facto. Oliver Walter iniciador do trafico por conta propria e em pequena escala, compreendeu um dia que o negocio era demasiado vasto e começou a jogar por conta dos outros—conservando a *patente* da traficancia.

O seu negocio ramifica-se em varias mistificações. Sabendo ele que existem mercados, como o belga e muitos outros, em que a



Bichas de homens debaixo de chuva esperando que lhe abram a porta do bar

qualidade não influe mas sim o rotulo—para esses o seu trabalho limita-se ao de mixordeiros, com vinhos ordinários da Grecia e... da Alemanha; e a preparar a entrada dessa mixórdia de forma a poder rotular a de «Porto». Nos outros mercados, aqueles que lhe dão o grande lucro—os seus expedientes variam. Começou por *inventar* um Porto falso, como judas, feito com vinhos de varias origens, mas tão habilidosamente que não escandalizava o paladar exigente da clientela. Graças à cumplicidade—aliaz facil—dos creados-pigmeus dos *restaurantes* de luxo de Londres conseguia vendê-lo como Porto autentico, sem documentos e sem risco. Como? O falso Porto entrava às pipas em Inglaterra documentado da sua verdadeira origem—França, Alemanha ou Grecia e sem um só detalhe que fizesse suspeitar o seu destino. Uma vez em Londres era engarrafado como Porto, com rotulos autenticamente portugueses (foi este o primeiro negocio escuro entre Walter e Oliveira Stevenson, ainda em Lisboa). Depois era distribuido por várias, casas, de aspecto particular, nas vizinhanças dos *restaurantes*; quando um cliente pedia uma garrafa de vinho a um dos creaditos, cumplices inconscientes—este em vez de ir ao armazem fornecedor habitual do *restaurante*, dirigia-se às tais casas vizinhas e discretas, onde o gorgeteavam e lhe davam o falso Porto. Nem o cliente nem sequer o dono do *restaurante* desconfiavam da escamoteação feita; e o primeiro por confiança no segundo; e este por confiança no fornecedor, jamais poderiam levantar a lebre. E assim Walter vendeu milhares e milhares de pipas de falso Porto—sem documentos e sem risco.

## A última dos corsários

O último expediente deste corsário é genial. Vendo o éxito obtido pelos vinhos Australianos e Africanos e vendo portanto a baixa do nosso Porto—que hade êle de germinar? Lança uma marca *legal*—cuja origem, embora indicada no *rotulo* não pode ser dicitrada pelo cliente graças à confusão estabelecida e em vez de encher as garrafas com esse vinho legal—enche-as com... Porto autentico e do melhor. Rapidamente a nova marca «New-Gold Wine»—triuña em Inglaterra! Pudera: Porto bom e autentico e mais barato do que o mau e falso! E quando a marca estiver definitivamente lançada, conquistando até os mais velhos e fieis apreciadores do Porto—êle começa pouco a pouco, a misturar o Porto também com o seu vinho legal, o que pertence legalmente àquele rotulo—até que o substitue por completo. Gastou alguns milhares de libras—mas a recompensa será infinitamente maior!

E ha um portuguez que colabora com estes corsários do vinho do Porto!

R. X

## NEGÓCIOS MACABROS

## OS HOMENS QUE VENDEM EM VIDA

## O PRÓPRIO CADÁVER

(Conclusão)

—o russo Ugneff, do *Olimpia* de Londres assinou contrato com a Universidade de Stokolmo, valorizando o seu corpo em 25.000 libras—E não regatearam. E a Universidade de Stokolmo possui no seu museu as ossarias de quatro ou cinco gigantes já «explorados, até ao osso»—pouco podendo esperar mais da autopsia deste novo *specimen*. Mas basta evocar dois casos mais recentes. O primeiro—vem no «New's Chronicle» de Londres (e o «Lu» de Paris de 14 ultimo cita-o tambem): encontra-se, em Inglaterra, um numero sensacional de *music-hall*: «Dados, o homem do cerebro d'aço». A memoria deste homem suplantou todos os fenomenos conhecidos. Pode enumerar mais de 2000 datas e factos da grande guerra, etc. A Escola de Medicina do «King College Hospital de Denmark Hill» propôs-lhe uma transação sobre o seu cadaver—anciosa por conhecer o segredo do seu cerebro d'aço, nas seguintes condições: receber imediatamente a quantia de 10.000 libras; fixar-lhe uma renda de 99 libras mensais, todo o tempo que viver; e alem disso pagar-lhe



PASSA-SE BEM  
O VERÃO NO  
**ESTORIL?**

**O verão, e o inverno!**

Se os estrangeiros preferem  
o **ESTORIL**, qual a razão  
porque os portugueses hão de  
procurar Biarritz, Deauville,  
Ostende, etc. ?

A Costa do Sol=igual a Cote  
d'Azur; mas... é costa do sol  
mesmo no inverno